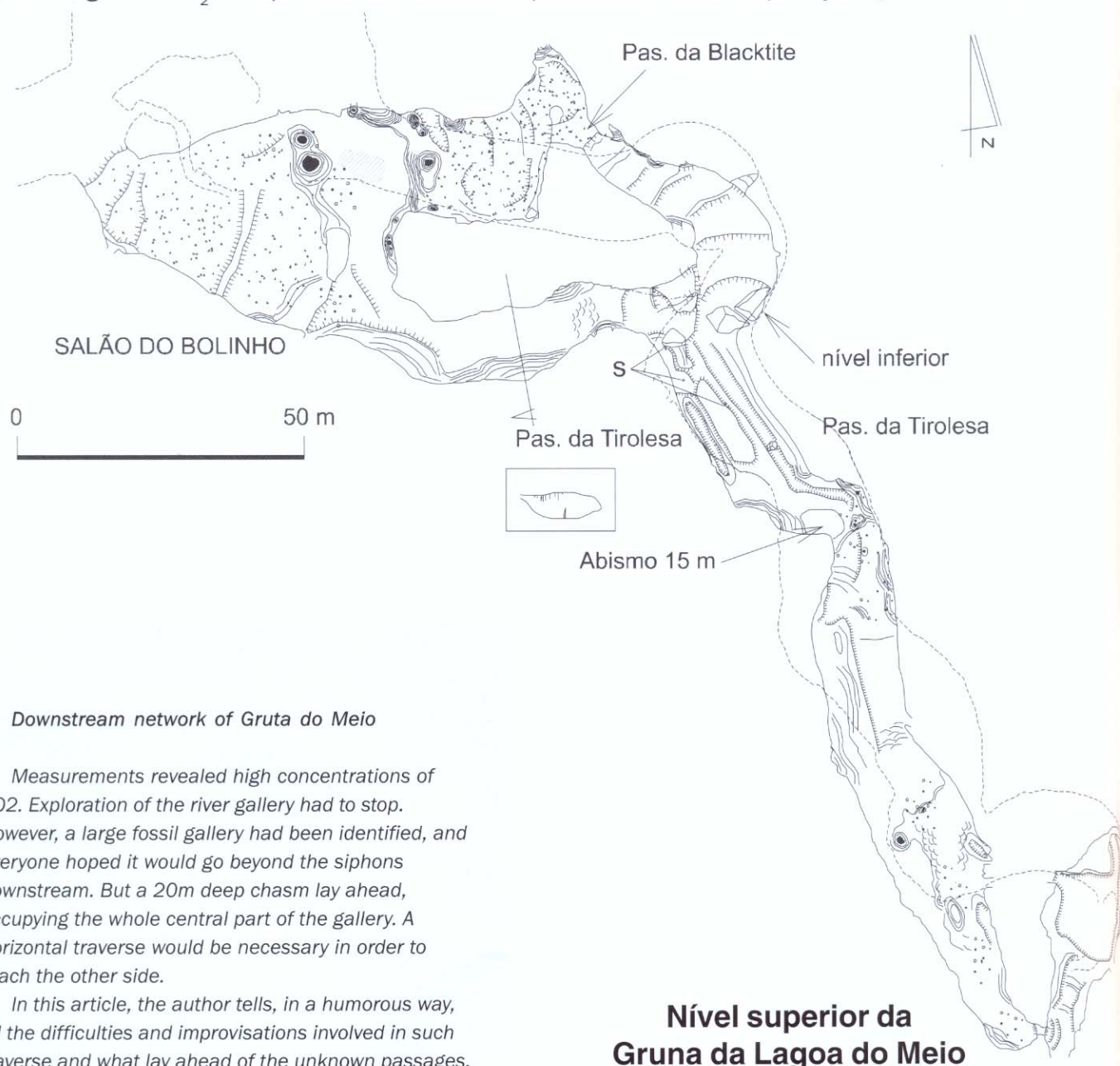


Rede Jusante da Gruna da Lagoa do Meio

Olivier Sausse

Grupo Espeleológico Bagnols - Marcoule

Havia mais de seis anos que o GSBM não explorava o solo e o sub-solo brasileiro. É com grande alegria que encontramos no começo de junho nossos amigos brasileiros e o vilarejo de Descoberto. Os primeiros dias da expedição nos permitiram encontrar algumas entradas ao redor do vilarejo, mas nada de muito importante. Na véspera, uma equipe voltou para medir a porcentagem de CO_2 no grande salão da Gruna da Lagoa do Meio. Infelizmente a porcentagem de CO_2 está por volta de 4% e não foi possível continuar a exploração a jusante do rio.



Downstream network of Gruta do Meio

Measurements revealed high concentrations of CO_2 . Exploration of the river gallery had to stop. However, a large fossil gallery had been identified, and everyone hoped it would go beyond the siphons downstream. But a 20m deep chasm lay ahead, occupying the whole central part of the gallery. A horizontal traverse would be necessary in order to reach the other side.

In this article, the author tells, in a humorous way, all the difficulties and improvisations involved in such traverse and what lay ahead of the unknown passages.

Em compensação, no alto do grande salão, Ezio notou uma grande galeria fóssil que se dirige para jusante da gruta e que poderia ultrapassar os sifões. Esta se depara com um abismo de uns vinte metros e atrás dele a galeria continua. Logo, é preciso tentar a travessia com uma corda e todo o material necessário.

À noite, diante de uma boa cerveja, discutimos o programa do dia seguinte. Ezio explica seu projeto; está ok. Amanhã iremos tentar atravessar o poço para chegar a essa bela galeria fóssil.

7H 00 da manhã, formamos as equipes: Jef e Lília estão conosco e não tardamos a preparar o material. Preparamos kits com cordas, amarrações, fitas e mosquetões, sem esquecer nosso material fotográfico.

Preparamos nossos sanduíches para o almoço com muita água porque na gruta a temperatura é de 27° C. Em marcha!

A entrada da gruta encontra-se a 1 km a vôo de pássaro. Cinco minutos em um veículo 4x4 e 10 minutos de caminhada são suficientes para chegarmos à entrada da cavidade, que nem Jef nem eu conhecíamos.

Progredimos numa bela galeria seca salpicada de algumas bacias, onde podemos testar nossos talentos de nadadores numa água cor de caramelo. Galhos e troncos de árvores testemunham a violência das cheias em época de chuva: não deve ser nada agradável estar neste lugar naquela ocasião (geralmente janeiro, fevereiro).

Depois de uma hora de avanço, chegamos ao final. Lá, um travertino lindo espera por nós. Jef, como bom fotógrafo que se preza, faz algumas fotos tendo Lília como modelo.

Depois desta pequena parada,

colocamos nossas cadeirinhas, preparamos cordas e amarrações. Estamos prontos. Subimos um pequeno plano inclinado na lama para chegar ao teto na continuação da galeria.

Falta percorrer mais ou menos de 25 a 30 metros para chegar a uma eventual continuação. Um único pequeno problema: é que à primeira vista é preciso saber voar para atravessar, porque o solo e as paredes estão cobertos de argila. Ezio me sugere passar pela parede da direita, mas eu não me arrisco. Então instalo uma corda nas amarrações já presentes e parto montado numa aresta de lama. Chego a uma pequena plataforma, observo um instante. À direita é uma loucura, o melhor é descer 3 metros e talvez lá eu possa tentar alguma coisa. Mas para isso é preciso encontrar um lugar onde amarrar a corda nesse solo de lama. Perto de mim há uma estalagmite que eu testo, esperando que ela sirva. Parece boa. De qualquer modo, não temos outra escolha, não há nada mais por perto.

Alguns minutos mais tarde desço 3 metros. Embaixo há ainda mais ou menos 20 metros de vazio. Dou uma volta e finco dois spits. Que calor! Assim que faço um esforço eu sinto bem os 27° C. Peço aos meus camaradas que me passem outras amarrações porque não tenho mais. Jef me diz que só restam três. Como é possível? Depois de uma busca minuciosa nas mochilas, concluímos que faltam 5 plaquetas e 3 mosquetões. Como faremos para atravessar os 15 metros restantes somente com 3

amarrações? Depois de refletirmos muito tempo, encontramos a solução: Ezio pega a ponta da corda e avança sobre a crista de lama 3 metros acima de mim e se desloca 4 metros na direção jusante. Eu vou tentar atingir o ponto rochoso que está 4 metros à minha frente, Ezio, puxando a corda, vai me ajudar deslocar. Jef me alcança enquanto Lília fica no alto para não perder o espetáculo.

Desço um pouco, depois balanço como um pêndulo para atravessar. Nesse momento Ezio puxa a corda, que me permite atingir o ponto rochoso. Ufa! Uma boa coisa feita. Desloco-me lentamente, porque a corda de segurança tem um papel mais psicológico e não é nenhuma garantia de segurança. Não posso escorregar, senão fatalmente haveria uma queda.

Acima de mim posso entrever a galeria que aparece, mas restam ainda mais ou menos 5 metros para escalar.

O resto da equipe não pode juntar-se a mim porque é impossível equipar-se onde estou. A única solução é tentar jogar uma corda nas concreções que estão um pouco mais acima. Depois de algumas

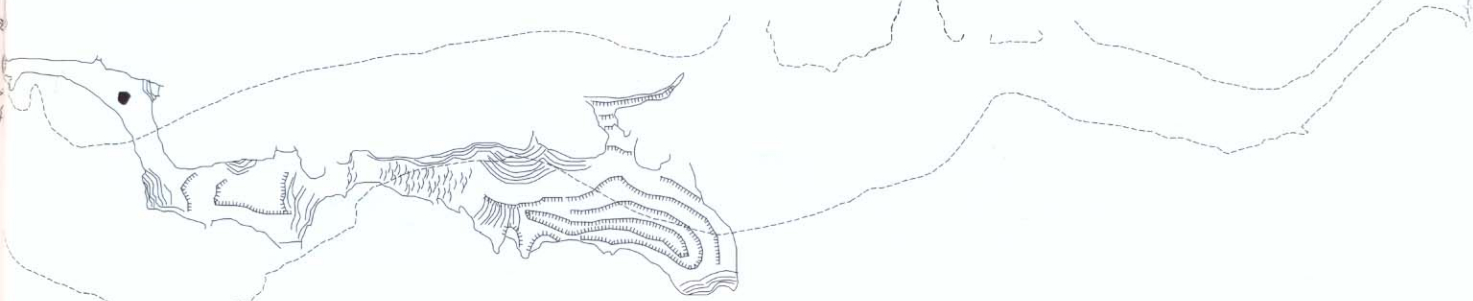
consigo
atrás de
assim subo
facilmente,
blocante.

tentativas
frustradas,
passar a corda
uma delas e
até ela
com a ajuda do
Chegando lá em
cima, a galeria
continua, mas
veremos isso mais

tarde. Agora é preciso equipar para que o resto do grupo possa juntar-se a mim.

Jef propõe uma tirolesa, eu amarro a corda na grande concreção e ele parte.

Jef e Ezio esticam a corda e



alguns minutos mais tarde eles juntam-se a mim. A passagem é muito fotogênica e aproveitamos isso para fazer algumas fotos de todos os participantes.

Ezio vai para a esquerda da galeria. Sobre uma plataforma de lama ele fabrica degraus com a ajuda de um martelo, porque embaixo é o vazio. Finalmente ele se depara com um poço descendente de mais ou menos 20 metros. Amarro a corda numa enorme coluna.

Alguns metros abaixo, encontro um lugar para colocar um desvio a fim de evitar o roçar da corda na plataforma. Encontro-me rapidamente embaixo da sala.

Ezio junta-se a mim, bem como Jef e Lília. Vou para a direção montante, sem convicção, enquanto Ezio sobe na direção jusante sobre um plano inclinado. Alguns segundos mais tarde eu ouço seu grito. Ele está na galeria jusante, que continua sem obstáculo. Já faz mais de 3, diria mesmo 4 horas, que começamos a travessia e a recompensa está lá, diante de nós. Quando o grupo está completo, partimos apressadamente para explorar esta galeria fóssil de bela dimensão (5 a 7 metros de largura por 10 a 15 metros de altura). É um verdadeiro regalo. Para mim, é a maior galeria descoberta desde o começo desta expedição. Seu percurso é acidentado, é preciso descer, depois subir

para passar enormes depressões (sob tiragem) obstruídas pela argila. Avançamos rapidamente, apesar das gotas de suor que cobrem nossos rostos. Depois de atravessarmos uma pequena abertura, a continuação da rede torna-se menos evidente. Chegamos a uma grande sala. À nossa esquerda a galeria desce, mas parece obstruída, o que é confirmado por Ezio alguns instantes mais tarde. Jef vai em frente e sobe um desmoronamento instável. Depois volta até nós pelo alto para atingir uma plataforma, antes de desaparecer. Enquanto esperamos por ele, reparamos no alto uma galeria cujo acesso está mais acima. Se a continuação da rede é lá, que trabalho vamos ter! Porque para atingi-la será preciso muitas horas para encontrarmos lugares seguros onde fixar a corda.

Felizmente Jef volta e nos indica alegremente que ele encontrou a continuação. Ele viu um morcego entrar numa passagem mais baixa, ele o seguiu e percorreu mais ou menos 50 metros de conduto baixo, com um pouco de ar. Ele acabou por sair numa galeria maior. Atravessamos a galeria baixa e

exploramos a continuação da cavidade em 50 metros para chegar a um poço descendente estimado de 25 metros.

Não tendo mais cordas, paramos lá por hoje. Depois de comermos nossos sanduíches, percorremos o caminho de volta, fazendo a topografia da galeria descoberta.

É uma regra de ouro no Brasil: qualquer equipe que faz exploração deve efetuar a topografia dos metros descobertos. É preciso ainda mais ou menos 2 horas para fazer a topografia dos 300 metros percorridos. De volta, a tirolesa não apresenta nenhum problema, porque nessa direção ela é descendente. Toda a equipe se dirige até a saída com alegria e bom-humor. Estamos ansiosos para contar tudo isso aos outros e partilhar com eles a descoberta do dia na casa do Gildeon.

Não há melhor exemplo do que esse dia, vivendo plenamente nossa paixão, para explicar o que nos leva a atravessar o planeta.

PS: alguns dias mais tarde exploramos o poço terminal, que está obstruído pela lama. Continuando na galeria superior, contornamos o abismo para acabarmos diante de uma rampa ascendente, também impenetrável. **Ω**



Uma tirolesa foi a solução encontrada para alcançar a continuação das galerias superiores da Gruta da Lagoa do Meio.
Foto: Ezio Rubbioli

ABISMO DO EDSON Coribe - Bahia

Fotos: Jean-François Perret

Localização UTM 23 L

Datun: Córrego Alegre

X= 593.979 Y=8.471.063

Projeção Horizontal: 324 m

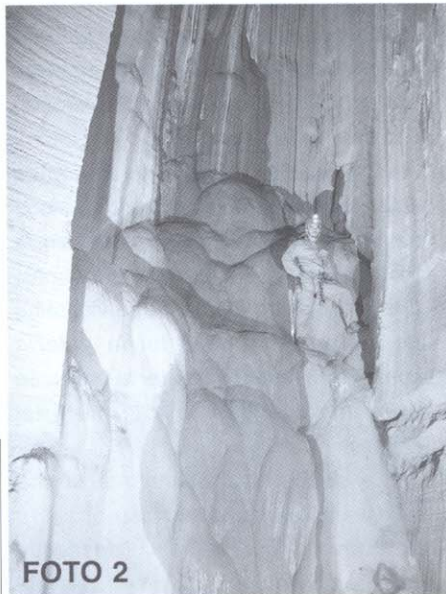
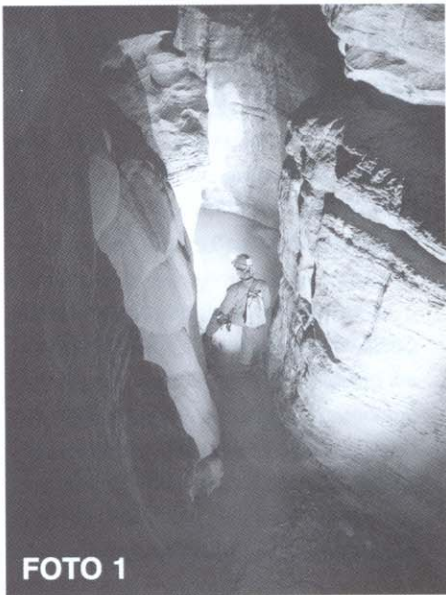
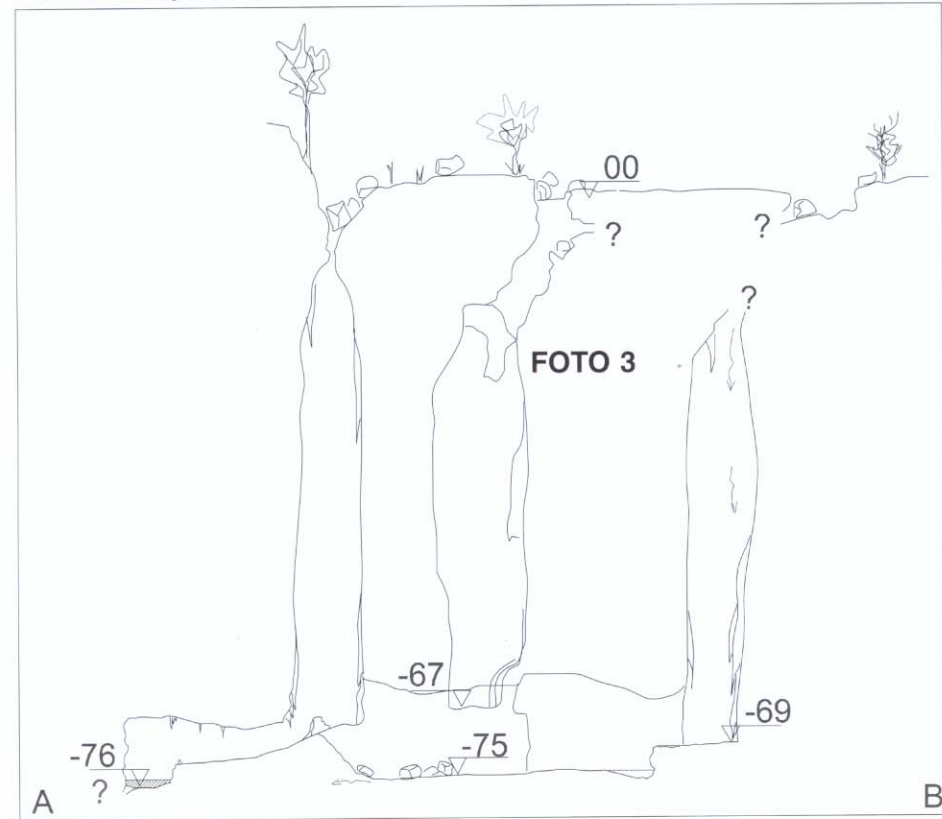
Desnível: 76 m



Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas
Groupe Spéléo Bagnols Marcoule
Junho - 2007



Fotos: Jean François Perret



Réseau amont de la Grotte de Meio

Olivier Sausse

Groupe Spéléologique

Bagnols - Marcoule

Cela fait six longues années que le GSBM n'a pas foulé le sol et le sous-sol brésilien. C'est avec une grande joie que nous retrouvons début juin nos amis brésiliens et le village de Descoberto. Les premiers jours d'expédition nous ont permis de trouver quelques entrées autour du village mais rien de très sérieux. La veille une équipe est retournée mesurer le taux de CO₂ en bas de la grande salle dans la grotte de Meio. Malheureusement le taux de CO₂ étant aux alentours de 4 %, il ne sera donc pas possible de continuer l'exploration de l'aval de la rivière.

En revanche, en haut de la grande salle, Ezio a repéré une grande galerie fossile se dirigeant vers l'amont de la grotte et pouvant shunter les siphons. Elle bute sur un abîme d'une vingtaine de mètres et face à lui la galerie continue. Il faut donc tenter la traversée avec une corde et tout le matériel nécessaire.

Le soir, c'est devant une bonne « Cerveja » que nous discutons du programme du lendemain. Ezio me fait part de son projet ; c'est ok ! Demain nous irons tenter le franchissement du puit pour atteindre cette belle galerie fossile.

7H 00 du matin nous composons les équipes ; Jef et Lilia sont des nôtres et nous ne tardons pas à préparer le matériel. Cordes, amarrages, sangles et tamponnoir sont mis en kit sans oublier notre matériel photo.

Nous préparons nos « sandwichs » pour le midi avec beaucoup d'eau car il fait 27 °C dans la grotte et c'est parti !

L'entrée de la grotte n'est qu'à 1 kilomètre à vol d'oiseau, cinq minutes de 4X4 et 10 minutes de marche nous suffisent pour atteindre l'entrée de la cavité que ni Jef ni moi ne connaissons.

Nous progressons dans une belle galerie sèche parsemée de quelques

vasques où nous pouvons tester nos talents de nageur dans une eau caramel. Des branches, des troncs d'arbres témoignent de la violence des crues en période de pluie ; il ne doit pas faire bon d'être dans les parages à cette période de l'année. (Généralement Janvier, février).

Après une heure de progression nous arrivons au terminus. Et là un très beau gour géant nous y attend. Jef, en bon photographe qui se doit, prend quelques clichés avec Lilia comme mannequin.

Après cette petite halte, nous passons rapidement nos baudriers, préparons cordes et amarrages. Nous sommes enfin prêts. Nous remontons un petit plan incliné dans la boue pour arriver en plafond sur la suite de la galerie.

Il reste environ 25 à 30 mètres à parcourir pour atteindre la suite éventuelle. Seul petit problème, c'est qu'à première vue il faut savoir voler pour traverser car le sol et les parois sont tapissés d'argile. Ezio me suggère de passer sur la paroi de droite mais je ne la sens pas du tout. Alors j'installe une corde sur les amarrages déjà présents et je pars à califourchon sur une arête de boue. J'arrive sur une petite plateforme, j'observe un moment, sur la droite c'est de la folie, le mieux c'est de descendre de 3 mètres et peut-être que là on pourra tenter quelque chose. Mais pour cela il faut trouver de quoi attacher la corde sur ce sol de boue. Non loin de moi il ya bien une stalagmite, je la teste tout en espérant qu'elle fasse l'affaire. Elle a l'air bonne. De toute manière nous n'avons pas le choix, il n'y a rien d'autre à proximité.

Quelques minutes plus tard je suis descendu de 3 mètres. Dessous il y a encore environ 20 mètres de vide. Je pars en vire et plante deux spits. Quelle chaleur, dès que je fais un effort je ressens bien les 27 °C. Je demande à mes camarades de me passer d'autres amarrages car je n'en n'ai plus. Jef m'indique qu'il n'en reste plus que trois. Comment est-ce possible ? Suite à une fouille minutieuse des sacs, nous en concluons qu'il manque 5 plaquettes et

mousquetons. Comment peut-on faire pour traverser les 15 mètres restant avec seulement 3 amarrages ? Après mûre réflexion, nous trouvons une solution : Ezio prend le bout de la corde et avance sur la crête de boue 3 mètres au-dessus de moi et se décale de 4 mètres vers l'amont. Je vais tenter d'atteindre le pont rocheux qui est à 4 mètres devant moi en contrebais ; Ezio en tirant sur la corde, va m'aider à me décaler. Jef me rejoint tandis que Lilia reste en hauteur afin de ne pas rater le spectacle.

Je descends un peu, puis je pendule pour traverser. A ce moment Ezio tire sur la corde ce qui me permet d'atteindre le pont rocheux. Ouf ! Une bonne chose de faite. Je me déplace lentement car la corde d'assurance joue plus un rôle psychologique et n'est en aucun cas un gage de sécurité. Il ne faut pas glisser sinon c'est la chute assurée.

Au dessus de moi je peux entrevoir la galerie qui se profile, mais il reste environ 5 mètres à escalader.

Le reste de l'équipe ne peut me rejoindre car impossible d'équiper de là où je suis. La seule solution c'est de tenter un lancé de corde sur des concrétions qui sont un peu plus hautes. Après quelques essais infructueux j'arrive à passer la corde derrière l'une d'elles et peux donc monter au bloqueur jusqu'à celle-ci facilement. Une fois en haut, la galerie continue, mais on verra cela plus tard. Maintenant il faut équiper pour que le reste de l'équipe puisse me rejoindre.

Jef propose une tyrolienne, j'amarre la corde sur la grosse concrétion et c'est parti, Jef, Ezio tendent la corde et quelques minutes plus tard ils me rejoignent. Le passage est très photogénique et nous en profitons pour faire quelques tirages de tous les participants.

Ezio part sur la gauche de la galerie sur une banquette de boue, il se taille des marches à l'aide du marteau car dessous il y a du vide. Finalement il bute sur un puit descendant d'environ 20 mètres. Nous allons plutôt essayer de descendre directement au fond de la salle en dessous de nous. J'amarre la corde sur une énorme colonne.

Quelques mètres plus bas, je trouve un endroit pour placer une déviation afin d'éliminer les frottements de la corde sur le palier. Je me retrouve rapidement en bas de la salle. Ezio me rejoint ainsi que Jef et Lilia. Je pars vers l'aval sans conviction tandis qu' Ezio monte en amont sur un plan incliné. Quelques secondes plus tard je l'entends crier. Il est dans la galerie amont qui continue sans obstacle. Cela fait bien trois voire quatre heures que nous avons commencé la traversée et la récompense est là devant nous. Une fois l'équipe complète, nous partons en toute hâte explorer cette galerie fossile de belle dimension (5 à 7 mètres de large pour 10 à 15 mètres de haut). C'est un vrai régal, c'est pour ma part la plus grande galerie découverte depuis le début de cette expédition. Son parcours est accidenté, il faut tantôt descendre, puis remonter pour passer d'énormes dépressions (sous tirage) obstruées par l'argile. Nous avançons rapidement malgré les gouttes de sueurs qui parsèment nos visages. Après avoir

passé une petite lucarne, la suite du réseau se fait moins évidente. Nous arrivons dans une grande salle. Sur notre gauche la galerie descend mais semble bouchée ce que nous confirme Ezio quelques instants plus tard. Jef part en face et remonte un éboulis instable. Puis il revient vers nous en hauteur pour atteindre une plateforme avant de disparaître. En l'attendant nous repérons en hauteur une galerie dont l'accès est surplombant. Si la suite est là bonjour la galère ! Car pour l'atteindre il nous faudrait plusieurs heures en espérant trouver des emplacements sûrs afin de fixer la corde.

Mais fort heureusement Jef revient et nous indique avec joie qu'il a trouvé la suite.

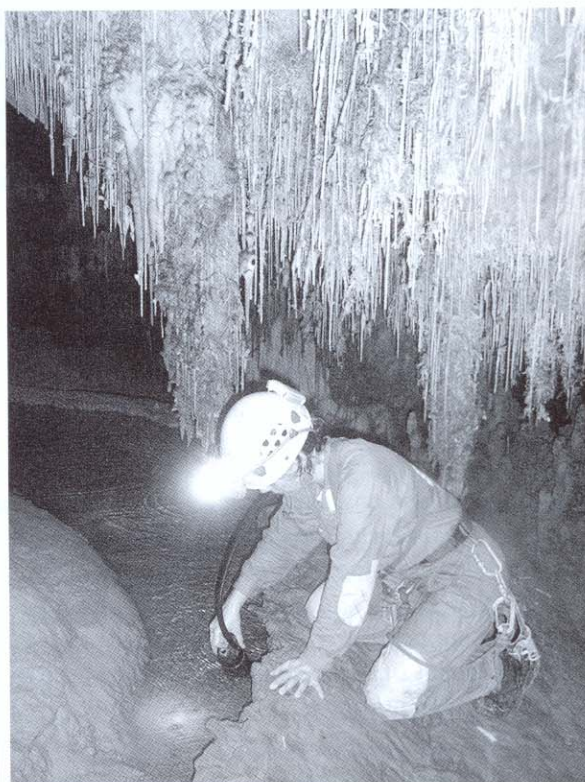
Il a vu une chauve-souris s'engager dans un passage bas, il l'a suivie et a parcouru environ 50 mètres de conduite basse avec un peu d'air. Il a fini par déboucher dans une galerie plus grande. Nous franchissons le passage bas et explorons la suite de la cavité sur 50 mètres pour venir buter sur un puits

descendant estimé à 25 mètres. N'ayant plus de corde on s'arrête là pour aujourd'hui. Après avoir avalé nos sandwiches, nous prenons le chemin du retour en topotant la galerie découverte.

C'est une règle d'or au Brésil, toute équipe faisant de l'exploration doit effectuer la topographie des mètres découverts. Il nous faut environ 2 heures pour faire la topographie des 300 mètres parcourus. De retour, la tyrolienne ne pose aucun problème puisque dans ce sens elle est descendante. Toute l'équipe se dirige vers la sortie avec joie et bonne humeur. Il nous tarde de raconter tout cela aux autres et de partager leur découverte de la journée chez notre hôte Gédeon.

Quel meilleur exemple que cette journée passée à vivre pleinement notre passion pour expliquer ce qui nous pousse à traverser la planète.

PS : quelques jours plus tard nous explorerons le puit terminal qui est colmaté par la boue et nous ferons une traversée en vire pour venir buter sur une trémie remontante impénétrable. 



Passagem da Tiroleza e as galerias superiores da Gruna da Lagoa do Meio. Fotos: Jean François Perret e Ezio Rubbioli